

RITOS FUNERÁRIOS JUDAICO-CRISTÃOS E AS NOVAS TECNOLOGIAS: impactos socioculturais e religiosos

***JUDEO-CHRISTIAN FUNERAL RITES AND NEW TECHNOLOGIES:
sociocultural and religious impacts***

***RITOS FUNERARIOS JUDEOCRISTIANOS Y LAS NUEVAS TECNOLOGÍAS:
impactos socioculturales y religiosos***

Raimundo Alves Martins*

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
Goiânia, GO, Brasil

E-mail: r.vencedor@gmail.com

ORCID: [0000-0001-9128-5766](https://orcid.org/0000-0001-9128-5766)

RESUMO

Significativamente, ao longo do tempo, os ritos fúnebres têm sofrido pontuais alterações e ressignificações diante de novas aspirações socioculturais e religiosas ou em face das novas tecnologias funerárias. Logo, na atualidade, torna-se salutar compreender as consideradas percepções conceituais, ainda que sinteticamente, acerca de particularidades exclusivas dos ritos fúnebres, tanto tradicionais quanto modernos. Neste caso, particularmente, os ritos fúnebres judaico-cristãos. De igual valor, pressupomos que o ato de assimilar sucintas descrições arquitetadas pela literatura sagrada ganha, de fato, posição de essencialidade; isso aos que têm a intenção de compreender o processo histórico e cultural que lhes é pertinente. Portanto, sob olhares de alternados campos teóricos e de textos bíblicos, este artigo se ocupa da questão dos ritos fúnebres judaico-cristãos, a partir do contexto histórico vetero-israelita. Objetivamos, com isso, identificar os possíveis impactos socioculturais e religiosos causados pelas mudanças advindas das novas tecnologias funerárias. A conclusão sugere que, apesar da prevalência dos fortes vínculos às tradições judaico-cristãs em sua funcionalidade atual, os ritos fúnebres são compelidos a admitir e experimentar certas alterações.

Palavras-chave: Ritos fúnebres. Cremação. Sepultamento. Tecnologias. Tradições.

ABSTRACT

Significantly, over time, funeral rites have undergone specific changes and resignifications in the face of new sociocultural and religious aspirations or in the face of new funeral technologies. Therefore, today, it is salutary to understand conceptual perceptions, albeit synthetically, about particularities exclusive to funeral rites, both traditional and modern. In this case, particularly,

* Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Especializado em Teologia Sistemática pela Faculdade Assembleiana do Brasil e em Aconselhamento Pastoral e Familiar pela Faculdade da Igreja Ministério Fama. Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás.

Judeo-Christian funeral rites. Of equal value, we assume that the act of assimilating succinct descriptions designed by sacred literature gains, in fact, a position of essentiality; this, for those who intend to understand the historical and cultural process that is pertinent to them. Therefore, under the perspectives of alternating theoretical fields and biblical texts, this article deals with the issue of Judeo-Christian funeral rites, from the ancient-Israelite historical context. We aim to identify the possible sociocultural and religious impacts caused by the changes brought about by new funeral technologies. The conclusion suggests that, despite the prevalence of strong links to Judeo-Christian traditions in their current functionality, funeral rites are compelled to admit and experience certain changes.

Keywords: Funeral rites. Cremation. Burial. Technologies. Traditions.

RESUMEN

Cabe destacar que, a lo largo del tiempo, los ritos funerarios han experimentado cambios y resignificaciones específicos ante las nuevas aspiraciones socioculturales y religiosas o las nuevas tecnologías funerarias. Por lo tanto, hoy en día resulta beneficioso comprender las percepciones conceptuales consideradas, aunque sea de forma sintética, sobre las particularidades exclusivas de los ritos funerarios, tanto tradicionales como modernos. En este caso, en particular, los ritos funerarios judeo-cristianos. De igual valor, asumimos que el acto de asimilar descripciones sucintas diseñadas por la literatura sagrada adquiere, de hecho, una posición de esencialidad; esto, para quienes pretenden comprender el proceso histórico y cultural que les es pertinente. Por lo tanto, desde la perspectiva de campos teóricos y textos bíblicos alternados, este artículo aborda la cuestión de los ritos funerarios judeo-cristianos, desde el contexto histórico del antiguo Israel. Nuestro objetivo es identificar los posibles impactos socioculturales y religiosos causados por los cambios derivados de las nuevas tecnologías funerarias. La conclusión sugiere que, a pesar de la prevalencia de fuertes vínculos con las tradiciones judeocristianas en su funcionalidad actual, los ritos funerarios se ven obligados a admitir y experimentar ciertos cambios.

Palabras clave: Ritos funerarios. Cremación. Entierro. Tecnologías. Tradiciones.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de mudanças significativas na vida e no pensamento cotidiano, no mundo ocidental, desde séculos passados, basicamente no que se refere a formas fúnebres tradicionais que visam à eliminação dos mortos, as mais usuais são o sepultamento e a cremação (Davies, 2005). Tal afirmativa, advinda da literatura especializada, indica ainda que, em distintas sociedades, esses ritos fúnebres carregam multiformes e díspares elementos representativos e memorativos. Logo, no que se refere ao estilo particular das antigas tradições mortuárias judaicas, a percepção que se mantém é a de que no antigo Israel os valores culturais-religiosos regulavam as normas e comportamentos da vivência cotidiana. Ao lado desses argumentos, observa-se que havia a rejeição à implementação de práticas que poderiam alterar os tradicionais costumes mortuários. Essa visão desfavorável manifestava-se especialmente em relação ao uso do rito da cremação.

Considerando essa linha de reflexão, é possível afirmar que, ao longo dos séculos, grande parte da perspectiva cultural e religiosa cristã sobre os rituais fúnebres tem suas

raízes nas tradições judaicas, especialmente nas descritas em diversos textos da Bíblia hebraica. Se, por um lado, historicamente, o sepultamento tradicional alcançou posto de rito fúnebre hegemônico na tradição cristã, por outro lado, porém, nas últimas décadas, pontuais elementos desse milenar rito fúnebre têm sido desafiados por novas tendências sociais juntamente com os avanços técnico-científicos.

Portanto, num cenário com novos modos e configurações para se lidar com a morte, que se afastam de “estruturas fixas e garantidas” (Rorty, 2006, p. 36), e onde emergem novos processos de incineração de corpos, a pergunta central a ser feita é: quais os efeitos socioculturais e religiosos que as tecnologias fúnebres inovadoras podem causar nas tradições fúnebres judaico-cristãs? Como veremos, uma das hipóteses deste estudo, a fim de responder tal questionamento, é a de que as novas tecnologias¹ disponíveis na contemporaneidade abrem portas para outras significativas perspectivas. Estas, por sua vez, geram ações práticas, substanciais e eficazes, permitindo superar limitações impostas por crenças e discursos teológicos pontuais. Em outras palavras, é necessário ampliar as lentes das antigas tradições fúnebres para outras possibilidades, idealizadas pelas tecnologias modernas e acessíveis.

2 RITOS DE SEPULTAMENTO E DE CREMAÇÃO SEGUNDO O PRISMA DAS ANTIGAS TRADIÇÕES JUDAICAS

Assim como outras sociedades do mundo antigo (Childs, 2005), os israelitas possuíam, cultural e religiosamente, suas particularidades e seus elementos identitários. De fato, do ponto de vista cultural, isso pode ser considerado transigente. A esse respeito, Cuche (1999, p. 45), em sua proposta teórica, diz que “cada cultura é dotada de um ‘estilo’ particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes e da arte”. Dito de outro modo, esse “estilo particular” citado pelo autor pode significar que um determinado modo de crença, por exemplo, sendo elaborado e praticado por uma sociedade, consegue, naturalmente, representar toda sua própria complexidade, suas distintas concepções e seus propósitos específicos.

No antigo Israel², os valores cultural-religiosos tinham certa predominância sobre as

¹ O termo *tecnologia*, aqui usado, se aplica, de modo geral, ao campo de instrumentos, métodos e técnicas advindos do conhecimento científico, com aplicabilidade no meio funerário.

² No campo teórico, tal nomenclatura assume distintos significados. Por exemplo, a formação social dos antigos israelitas (Reimer, 2013) ou o período histórico referente ao Antigo Testamento (De Vaux, 2003; Coenen, 2000).

ações diárias dos israelitas. Dessa forma, os valores e as normas cultural-religiosas estabeleciam diretrizes, limites e, sobretudo, responsabilidades. Assim, não diferente de outros povos vizinhos, os valores éticos e morais israelitas determinavam as ações humanas, sejam individuais ou coletivas (Gaarder, 2000, p. 298). Portanto, essas normas assumiam teores e formatos estruturantes e vigentes – muito embora fontes teóricas apontem que, parcialmente, não havia entre os israelitas uma completa impermeabilidade às novas variações e adaptações, vigentes em outras sociedades. Marconi (2010, p. 150) explica que, ao longo do processo histórico, “as sociedades, frequentemente, desenvolvem normas de comportamentos com a finalidade de se precaver contra o inesperado, o imprevisível, o desconhecido”.

No âmbito prático, os antigos israelitas sempre tiveram a convicção de que a admissão e a implementação de profundas e impactantes alterações nas suas práticas ritualísticas alterariam drasticamente os seus tradicionais traços culturais, assim como seus costumes sociais e religiosos (Gaarder, 2000). Inclui-se nessa perspectiva, por exemplo, a percepção negativa que tinham sobre o uso da cremação³ e, sobretudo, a possibilidade de a adotarem em seus ritos de luto (Keil, 1980). Por esse prisma, pode-se certificar, portanto, que, no antigo Israel, a visão cultural-religiosa que se tinha a respeito da cremação, em toda a sua complexidade, era a de que não poderia ser assimilada à dimensão vivencial e aos conceitos normativos. Pesquisadores contemporâneos, como Mazar (2003), Walton (2018) e Kessler (2009), que investigam os ritos funerários israelitas, têm apresentado, de diferentes formas, explicações conclusivas que apontam para uma rejeição total, por parte dos hebreus, em relação à prática da cremação. Embora os apontamentos teóricos exibam pontuais divergências, há consenso de que uma das razões para tal rejeição era a falta de interesse significativo, tanto social quanto religioso.

De acordo com o entendimento de Clements (1995, p. 376), outra justificativa para a rejeição da cremação é a de que a legislação hebraica estabelecia fundamentos que asseguravam a preservação das particularidades dos ritos mortuários, isso em comparação com outras sociedades. Igualmente, as significações acerca dos ritos fúnebres deveriam prevalecer numa absoluta homogeneidade nacional. Ainda, nessa situação, no âmbito dos rituais fúnebres, a mentalidade israelita se apegava aos elementos de sua identidade sociocultural e religiosa. De modo consequente, era neles que encontravam suas validades e viabilidades estruturantes e objetivas. Uma confirmação dessa interpretação, no aspecto

³ Para um maior aprofundamento conceitual sobre o termo cremação, ver Born (1977), Fernandes (1996), Ulguim (2016) e Wilsenach (2016).

prático, é que havia elementos da antiga religião hebraica (Baker, 2017) que se manifestavam na vida cotidiana, perceptíveis nos ritos (vivência) e até mesmo nos símbolos fúnebres.

Percebe-se, portanto, que qualquer possibilidade de reconstrução ou inovação dos tradicionais ritos fúnebres israelitas esbarrava, sem dúvida, em uma consolidada unidade cultural e religiosa. Numa afirmação elementar, Fohrer (1982, p. 267) salienta, por exemplo, que para os hebreus a prática da cremação era considerada um “sacrilégio”. O fundamento para isso, segundo o autor, é que os hebreus criam que “o homem não é aniquilado completamente depois da morte, mas, em certo sentido, continua a existir”. Por essa abordagem, é possível supor que, segundo suas crenças particulares, os hebreus tinham a concepção de que, para o ser humano, a sepultura não significava o fim absoluto, ou seja, admitiam crer que existe vida além da morte.

De igual modo às opiniões inerentes aos antigos ritos fúnebres israelitas acima citadas, Douglas (2006, p. 1254) enfatiza com firmeza ao dizer que “a cremação nunca foi uma prática judaica”. Corroborando essa proposição, De Vaux (2003, p. 81), agora num prisma interpretativo um pouco mais aprofundado sobre a prática da cremação, assegura que, em relação a esta, “os israelitas nunca praticaram”. O referido autor ainda complementa sua sustentação relatando que “a incineração dos corpos está documentada na Palestina apenas em uma época muito anterior à chegada dos israelitas ou entre agrupamentos de estrangeiros”. Dessa forma, como se percebe nesses enunciados teóricos, entre os israelitas existia uma consensual e irreversível rejeição quanto à ideia de haver possibilidades de os antigos israelitas praticarem a cremação.

Apesar de esses costumes se acharem fixados, pode-se pressupor que considerações e elementos religiosos eram os que desempenhavam um papel central na rejeição acentuada à prática da cremação. De fato, isso permanecia, ainda que, oficialmente, não existisse uma regulação sistemática e diretiva formal sobre sua aplicabilidade. Na Legislação Mosaica, por exemplo, não havia preceitos específicos que se opusessem de forma explícita ao uso da cremação em seus ritos fúnebres (Giordani, 2011; Baker, 2017). A esse respeito, como se vê na abordagem formulada por Buckland (1999, p. 136), em seus domínios religiosos, os judeus consideravam a “cremação como uma prática pagã, e por isso contrária ao espírito da lei”.

Com efeito, pelo olhar da tradição bíblica, ao longo dos primeiros séculos após a

implantação da Lei Mosaica⁴, em meio a um cenário de atuantes contatos interculturais, as práticas e crenças pagãs eram, aos olhos dos israelitas, consideradas nocivas à sua vida sociocultural e à sua religiosidade (Childs, 2005). Além disso, numa visão geral, as práticas e crenças culturais de outros povos eram consideradas repletas de ritos e símbolos idolátricos e, por isso, eram qualificadas como abomináveis (Dt 18). No entanto, em um contexto caracterizado por decomposições, fragmentações e desconstruções, práticas culturais e ritualísticas de cultos estrangeiros (Keil, 1980), exceto a cremação, foram integradas de forma livre ao “culto a Iahweh” (Bright, 1978, p. 338). Obviamente, novos elementos vinculados aos tradicionais geraram novas e profundas experiências. A razão disso, conforme sinaliza o erudito Walton (2021, p. 508), é porque “Israel estava imerso no rio cultural antigo”. Nesse sentido, algumas das características do paganismo⁵ que predominava noutras nações contemporâneas haviam alcançado êxito (embora não absoluto) em determinadas épocas e lugares do antigo Israel.

Em tempos remotos, o uso do fogo por civilizações adeptas do rito fúnebre da cremação de corpos tinha significados e propósitos diversificados, e um dos principais era o religioso (Buckland, 1999). Não obstante, para os antigos israelitas, o uso do fogo remetia-os não ao contexto de seus rituais fúnebres, mas ao universo de seus mitos e símbolos, ligados à prática de suas crenças. Nesse contexto, acreditavam, sobretudo, que o fogo era algo despertador, fascinante e poderoso. Criam ainda que, por meio do fogo, Iahweh demonstrava estar sempre vigente, atuante e, em casos excepcionais, muito indignado. Além disso, segundo as antigas crenças, Iahweh se manifestava, teofanicamente, no meio do fogo. Por exemplo, conforme a tradição do Êxodo, o líder Moisés (Keil, 1980), juntamente com todo o povo, teria ido até o monte Sinai, a fim de se encontrar com Iahweh. Logo, segundo o texto, durante a especial manifestação, “toda a montanha do Sinai fumegava, porque Iahweh descera sobre ela no fogo” (Êx 19,18).

No universo das experiências sagradas e coletivas hebreias, o fogo também dava sentido a muitos de seus mitos, identificando-se como um elemento de sua identidade religiosa – na concepção de Strieder (1978, p. 24), “o sagrado marca sua presença entre os homens de muitas formas”. Isso, de certa forma e por meio de diversos modos, permanecia preservado em suas memórias, especificamente devido aos relatos e experiências transmitidas e preservadas por meio da oralidade. A título de exemplo, Moisés lembrou ao

⁴ Sobre a lei mosaica, suas divisões e significações sociológicas e teológicas, ver Von Rad, *Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Targumim, 2006).

⁵ O paganismo, segundo Bright (1978), eram religiões naturais desprovidas de caráter moral. Além disso, os seus deuses eram corpos celestes ou determinadas forças da natureza.

povo, dizendo-lhes: “Iahweh falou convosco face a face, no meio do fogo, sobre a montanha” (Dt 5,4). Noutro exemplo bíblico, percebe-se que os israelitas tinham em suas memórias a narrativa que dizia que todo o arraial dos hebreus teria visto, no dia de ordenação de Arão e seus filhos, quando uma lavareda de fogo, enviada da parte de Iahweh, desceu sobre o sacrifício e o consumiu (Lv 9,24). Com base nisso, é possível afirmar que o ambiente religioso israelita era sustentado e influenciado por relatos de acontecimentos envolvendo figuras notáveis do passado.

No decorrer do período relacionado ao Antigo Testamento, os antigos israelitas teriam empregado o fogo, tanto de maneira literal quanto simbólica, para diversos fins, segundo alguns estudiosos, como Bright (1978), Coleman (1991), Smith (2001) e Walton (2021). No sentido religioso, por exemplo, a formulação arquitetada por Smith (2001, p. 285) ressalta que o fogo tinha, simbolicamente, o propósito de purificar, ou seja, de refinar espiritualmente pessoas ou lugares. Por conseguinte, ressalta o citado autor, o fogo “queimava” uma “condição pecaminosa” (Smith, 2001, p. 288). A percepção de Eichrodt (2004, p. 248 e 333) é a de que, no imaginário geral, os hebreus acreditavam que o fogo, usado como castigo por Iahweh, era impiedosamente “devorador de tudo aquilo que é pecaminoso [...] e que humilha toda grandeza humana”. Logo, esse impiedoso fogo, conforme acrescenta Eichrodt (2004, p. 427), “é terrível”. Assim sendo, a partir dessas concepções, está subentendido que o uso literal do fogo por parte de Iahweh estava relacionado com atos de punição, seja individual ou coletiva.

Ao seguirmos o curso das reflexões teóricas e bíblicas acerca do uso do fogo como uma forma de severo castigo, cabe-nos evocar fatos relacionados ao personagem chamado Acã (Akam) – bíblicamente, Acã pertencia à “tribo de Judá” (Js 7.1). Buckland (1999, p. 13) apresenta assim um válido resumo do episódio ocorrido a este personagem: “Na destruição da cidade de Jericó por Josué, Acã tirou parte do despojo⁶ e escondeu-o, pelo que ele e sua família foram apedrejados e mortos”. Quando analisado sob a perspectiva moral-religiosa, utilizando os preceitos dos mandamentos (*miswôt*) éticos – que Fohrer (1982, p. 231) chama de “decálogos éticos” –, o episódio revela que Acã, ao confessar sua culpa, havia, lamentavelmente, cometido um grave sacrilégio. Além disso, sua ação impensada foi considerada “uma grande abominação em Israel” (Wolff, 2014, p. 314). Ademais, de acordo com a tradição da Bíblia Hebraica, Acã teria transgredido gravemente um importante mandamento que proibia qualquer hebreu de praticar o furto (Êx 20,15). Além do furto, Acã

⁶ Informações completas sobre os utensílios, seu peso e os valores econômicos dos “despojos”, furtados e escondidos por Acã, veja especialmente Walton (2018).

foi mais além, pois, ainda, “tomou do que era anátema, e até o furtou, e o dissimulou, e ainda o colocou entre as suas bagagens” (Js 7, 11). Aqui, notam-se alguns aspectos relativos à forma e ao propósito para a aplicação do fogo na execução de um israelita e, simultaneamente, de toda a sua família. Conforme informa o texto de Js, 7,25, “todo Israel o apedrejou e os queimou e os cobriu de pedras”. Ainda que Acã e seus familiares tenham sido queimados após o apedrejamento, as narrativas bíblicas não apresentam indícios suficientes para afirmar que tenha havido uma cerimônia de cremação, conforme era em outras culturas.

Enfim, com base nas explicações apresentadas até agora, é importante ressaltar que, no período mais antigo, antes do exílio babilônico, o rito de cremação sempre enfrentou fortes objeções provenientes da tradição religiosa israelita. Como mencionado, o fogo, especificamente, era empregado para diversos outros usos entre as principais tradições sagradas. No entanto, sob uma perspectiva religiosa, o uso do fogo simbolizava a abertura para vivacidades rigorosas, ou seja, “tanto a energias criativas como destrutivas” (Davies, 2005, p. 189).

3 SEPULTAMENTO: RITO FÚNEBRE HEGEMÔNICO NA HISTÓRIA DA TRADIÇÃO CRISTÃ

Precisamente, é no âmbito das experiências vividas, formadoras da memória coletiva (Silveira, 2013), que elementos memoriais carregam uma abundante proporção de afetividade, de unidade e de inúmeros sentidos denotativos. Assim, com o passar do tempo, esses elementos de memória são ativados no universo das lembranças e das imagens, sejam elas individuais ou coletivas. Nesse percurso, fatores sociais e culturais se apegam aos religiosos, e juntos caminham sob fundantes impulsos ascendentes; e sobre estes assumem contornos e afinidades eletivas.

Portanto, considerando os apontamentos acima, podemos atestar que a maior parte da visão cultural-religiosa cristã, formada acerca dos ritos fúnebres, se firma nas tradições e memórias religiosas judaicas. Pontualmente, muitas delas estão descritas em diversos textos do Antigo Testamento, as quais, na atualidade, se somam a outras crenças do cristianismo. De acordo com a afirmação de Eliade (1979, p. 36), “o cristianismo herdou uma antiquíssima e muito complexa tradição religiosa, cujas estruturas sobreviveram dentro da Igreja, mesmo que os valores espirituais e a orientação teológica tenham mudado”. Numa abordagem com um sentido mais amplo, certos estudiosos admitem que as tradições atuantes e normatizadoras do cristianismo foram herdadas do judaísmo e que, em sua maioria, foram

formuladas “segundo as instruções das Escrituras Hebraicas” (Shelley, 2018, p. 21). Apesar disso, no cristianismo é possível encontrar certas sublimidades em relação a tempo, espaço, agentes e causalidades, embora substancial e pontualmente.

Também, certas considerações teóricas sugerem que a cultura cristã tem vínculos que fortalecem e legitimam as práticas religiosas cristãs do dia a dia. Além disso, certos elementos se aprofundam ao ponto de tocar os sentimentos individuais de seus adeptos, a fim de resguardarem suas sobrevivências. Exatamente isso sedimenta ainda mais as crenças e práticas pertencentes à tradição cristã, especialmente quando se refere a ritos fúnebres. Se, de forma permanente, no judaísmo contemporâneo, ainda prevalece o propósito para a continuidade do uso do enterro tradicional como sendo a única opção fúnebre a ser praticada (Davies, 2005), logo, inscreve-se nessa mesma proposta o pensamento cristão, a fim de que haja seguimento quanto ao mesmo rito fúnebre. Prevalece, dessa forma, um panorama cultural e religioso que tende a dar valores profundos e significativos, embora não totalmente oclusos. Na opinião de Rodrigues (2006, p. 167), “historicamente, o Cristianismo considerou a prática de enterrar os mortos como um fator de autoidentificação, por meio do qual os cristãos se sentiam continuadores das tradições judias”.

De fato, pode-se dizer que a vida cotidiana, em certo aspecto, está profundamente ligada ao contexto. Esse contexto, frequentemente restrito a um campo funcional específico da experiência humana, tende a tornar o cotidiano repetitivo, mesmo diante das diferenças socioculturais e religiosas (Silveira, 2013). Uma das argumentações convincentes a favor da continuidade do rito fúnebre de sepultamento, na tradição cristã, é estritamente teológica. Para tanto, por meio de textos neotestamentários, a justificativa principal se deve aos elementos teológicos que estão implícitos nas narrativas concernentes aos fatos relacionados com o sepultamento do corpo de Cristo (Cloud, 1998). Com certeza, desde o início da era cristã, muitas implicações teológicas (sejam elas herméticas ou cognoscíveis) alusivas ao sepultamento de Cristo fizeram surgir relevantes e aprofundados debates teóricos, marcados tanto por aproximações quanto por elaboradas críticas e, naturalmente, discordâncias. O fato é que, independentemente de haver sentidos opostos, tal tema sempre foi motivo de construções teológicas significativas.

Com efeito, entre os cristãos, o mais singular motivo que fundamenta a convicção para a continuidade da prática de sepultamento encontra-se nos aspectos relativos à vida e à morte de Jesus Cristo. Segundo se argumenta na concepção cristã, Jesus Cristo é o único e imprescindível referencial humano a ser imitado e seguido. Dessa forma, os cristãos entendem que a maneira terrena como Jesus Cristo viveu, segundo narram os textos

bíblicos, constitui o principal parâmetro de vida para todos os cristãos e, naturalmente, para toda a humanidade. Em síntese, acredita-se que Cristo, como referencial teológico, é o único “caminho” (Jo 14,6) para se ter acesso a Deus. Da mesma forma, Ele é o principal personagem a ser imitado no meio religioso. Ademais, para os cristãos, é impossível considerar que Cristo tenha levado apenas um estilo de vida comportamental comum durante sua existência. A valer, ele tinha qualidades notáveis, tendo, inclusive, levado uma vida íntegra e excepcional (Cloud, 1998), a qual inspirava seus seguidores e seus discípulos.

Na visão de Gaarder (2000), todo discípulo que intenciona identificar-se com o seu mestre deve, como regra, observar, aprender e imitar o seu mestre. Há, portanto, identidades peculiares que devem ser observadas para que sirvam de entrelaço entre ambos. Assim, na vivência religiosa cristã, as tradições míticas e simbólicas, e ainda os pontuais ritos, persistem entre elementos e fatos que se caracterizam como inextinguíveis. Por exemplo, há grande consideração à vivência religiosa vivida pelo próprio Cristo. Dessa maneira, no pensamento cristão, mesmo que haja distinções e modificações profundas entre os tempos do mundo neotestamentário e o mundo moderno⁷, no entanto, uma das propostas primordiais se atrela ao desejo de viver experiências significativas que reflitam aquelas vividas por Cristo.

Em sentido teológico, o ato bíblico do sepultamento do corpo de Cristo (Mt 27,60; Mc 15,46; Lc 23,53; Jo 19,42; 1Co 15,4) prevalece propiciando pressupostos e elementos fundantes para que o rito de sepultamento alcance primazia e possua o conceito de exclusividade, embora com configurações variadas, quando se refere a uma opção funerária. Claramente, para a teologia cristã, o fato de que, se Cristo, após passar por apavorante crucificação, teve seu corpo sepultado, logo, o seu sepultamento tornou-se ato modelador e, portanto, deve ser imitado como ritual fúnebre por todas as gerações de cristãos. Ainda mais, num sentido mais amplo, na tradição judaico-cristã permanece como referencial a tese de que “todas as grandes figuras das Escrituras foram enterradas” (Davies, 2005, p. 288). Dessa forma, reforça-se a preservação e persistência do uso da prática tradicional de sepultamento.

4 OS IMPACTOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA CREMAÇÃO MODERNA SOBRE OS RITOS FÚNEBRES JUDAICO-CRISTÃOS

Quase sempre, as tradições religiosas possuem elementos considerados permanentes

⁷ O termo *moderno* aqui usado não se aplica a um período específico da História (1453-1789), mas àquilo que pertence ao tempo presente e que conduz às novas tendências, produtoras de impactos na vida cotidiana. Ou seja, aquilo “que se situa na esfera do progresso” (Le Goff, 1992, p. 173).

e que se apresentam estruturados. Entretanto, ao mesmo tempo, são estruturantes e atuantes, como se percebe, por exemplo, na ingerência dessas tradições sobre o *habitus*⁸ de uma determinada sociedade. Nessa via de alternância e de hipóteses, isso ocorre, mesmo que, diariamente, as tradições tornem-se submetidas aos múltiplos, tendenciosos e complementares olhares decorrentes de uma sociedade pós-moderna. Na compreensão de Bauman (2001), essa sociedade pertence a uma época de fluidez nas relações sociais, isto é, está ligada a um ciclo, o qual é caracterizado pela transitoriedade, incertezas, precariedade e insegurança. Bauman pontua ainda outras seguintes marcas da sociedade atual: individualismo intensificado, medo e insegurança, constante mobilidade física e social, incerteza econômica e emocional, adaptação e flexibilidade, fragmentação do saber e da moralidade, identidades fluídas e ausência de estruturas fixas.

É manifesto, sem dúvida, que a época de fluidez, a qual ignora divisões e restrições, alcança, até certo grau, ponto determinante no progresso científico e tecnológico da civilização atual. Aliás, quando analisado sob diferentes dimensões interpretativas, constata-se que o progresso linear ocasiona consideráveis benefícios a toda a humanidade; contudo, no extremo oposto, ele favorece o surgimento de “inúmeros problemas desumanizantes” (Strieder, 1978, p. 200). Então, como se vê no campo da experiência cotidiana, a velocidade das transformações e as novas condições de conhecimento suscitam pontos de confluência, mas, de igual valor, reais divergências. Isso ocorre, por exemplo, no campo religioso, pois, majoritariamente, em sua funcionalidade diária, as religiões enfrentam múltiplas e distintas articulações e, além disso, se deparam com novas formas socioculturais e religiosas que desafiam as suas capacidades de resistência e de superação (Bauman, 1998). Isso é possível porque, em certo sentido, aquilo que se considera como magnífico permite que seus veneradores pensem de um jeito diferente, principalmente quando trafegam nos trilhos que os conduzem às novas modulações experienciais.

Inegavelmente, no mundo moderno não há mais estruturas fixas e garantidas (Rorty, 2006). Por conseguinte, não há dúvidas de que, no terreno dos ritos fúnebres judaico-cristãos, por exemplo, as recentes modulações do progresso técnico da ciência contemporânea trazem impactos aos seus ritos fúnebres habituais. Nas sociedades ocidentais, tal fenômeno é predominantemente motivado por certas forças ideológicas e

⁸ A noção de *habitus* se origina na tradição aristotélica. Sob diferentes propostas, foi utilizada, por exemplo, por Tomás de Aquino e Durkheim (Cucho, 1999). Na concepção sociológica de Bourdieu (2007, p. 191), o *habitus* é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”.

intelectuais, que exercem considerável influência sobre sua dinâmica. Além de tudo, em certa medida, observa-se que novas realidades e novos contextos (Silveira, 2013) tendem a se incorporar nas pressuposições da cosmovisão antiga. Nesse caminho, a questão que surge é que a modernidade, com seus elementos e formas, sinaliza ser transitória, independentemente de qual seja a causa. Assim, em proporções consideradas, não existem definições garantidas às formas e expressões fúnebres, que por séculos se mantiveram atuantes e insuperáveis.

Tanto no passado quanto presentemente, um aspecto compartilhado por todos os seres humanos é a certeza inevitável da morte, a qual finda, logicamente, o “período finito da existência humana” (Bauman, 1998, p. 191). Essa veracidade é, de fato, permanente, embora as diversificadas alternâncias tecnológicas atuais proporcionem recursos para que as pessoas tenham uma vida mais longa. Nesse horizonte de possibilidades no campo dos ritos mortuários, especificamente, o desenvolvimento da tecnologia (Strieder, 1978) tem ocasionado que novas composições técnicas, canalizadas a certas finalidades, estejam mais embasadas pelo progresso da ciência com suas argumentações e aplicações técnicas do que pelas tradições culturais ou pelas crenças e tradições religiosas. Por exemplo, se em tempos antigos o fogo incinerador personificava a libertação da impureza corpórea, atualmente, porém, a ciência intenciona resolver graves e crescentes problemas de ordem ambiental e ecológica. Isso se aproxima, de algum jeito, das palavras de Strieder (1978, p. 196), quando disse que “a ciência torna os homens mais conscientes”.

Nesse horizonte de possibilidades, o uso da cremação e seus novos e avançados processos técnicos objetivam, por exemplo, defender pautas sociais e econômicas, ainda que pontualmente, se observem as fronteiras do sentido de responsabilidade individual e coletiva (Rorty, 2006). Nesse sentido, o rito de cremação de corpos assume funções que transpõem o significado apenas de decomposição e aniquilação natural de um corpo morto⁹. Possivelmente, este seja um forte indício pelo qual tal rito vem sendo assimilado em dissemelhantes culturas, lugares e épocas. A esse respeito, a ponderação teórica de Davies diz que

A cremação moderna, portanto, é significativa na medida em que oferece opções sobre funerais, não apenas na escolha entre sepultamento ou cremação – as únicas opções reais na maioria das sociedades desenvolvidas – mas também no que pode acontecer aos restos

⁹ No Brasil, no que tange a falecimento humano, a Lei 9434/97 oficializa que a pessoa física deixa de existir somente quando, clinicamente, fica constatada “a cessação da atividade encefálica”.

mortais cremados dos mortos (Davies, 2005, p. 23, tradução nossa).¹⁰

Efetivamente, o argumento dito há pouco encontra lógica para sua aceitação quando se observa, amplamente, que os crematórios modernos tiveram que se remodelar a certos critérios e recursos operacionais, espaciais e, sobretudo, tecnológicos. Tal alegação possui consistência, já que, no advento de uma inédita tecnologia, esta seguirá o seu percurso, podendo, inclusive, provocar “efeito duradouro sobre uma civilização” (Whitrow, 1993, p. 202).

Quanto a certos tabus morais e éticos, conforme diz Cloud (1998, p. 7), no mundo ocidental, o processo de cremação “tal como é praticada hoje nas nações mais avançadas tecnicamente, já não apresenta o horror físico associado às cremações realizadas nas partes menos desenvolvidas do mundo”. Dito de outro modo, as novas tecnologias, com seus novos instrumentos, métodos e técnicas, possibilitaram a incrementação de opções eliminadoras de resíduos que, anteriormente, eram extremamente aterrorizantes e contaminantes.

No entanto, apesar de relevantes pontos a favor da cremação moderna¹¹, numa época em que se destaca uma sociedade tecnológica e assinalada por novas manifestações religiosas (Strieder, 1978), todavia, quando se refere ao ambiente dos ritos fúnebres judaico-cristãos, os novos métodos e as novas tecnologias causam tensões (Silveira, 2013) e impactos socioculturais e religiosos a antigas tradições fúnebres. Para mais, sociedades tradicionais e modernas possuem pontos de vista distintos, sendo que as primeiras são sempre menos receptivas a novas ideias e, consecutivamente, céticas em relação a novas tecnologias. De certa forma, exemplificando, nesse cenário ocorre a fragmentação de antigas tradições (Bauman, 1998), já que, na modernidade, a racionalidade exige que o pensamento científico seja o portador único de explicações sobre fenômenos naturais, eliminando, com isso, antigas crenças e normas comportamentais.

Como se sabe, historicamente, as diferenças humanas e as pluralidades de culturas e de crenças sempre ocasionaram cenários conflitivos. De fato, em termos teóricos e práticos, as ideias, crenças e demais componentes da vivência humana nunca estiveram em caminhos plenamente consensuais. Nessa esteira, a modernidade alicerçada num progresso técnico e científico, ainda que tenha provocado enfraquecimento religioso e auxiliado para a

¹⁰ “Modern cremation, therefore, is significant in that it offers choices about funerals, not only in the choice between burial or cremation – the only real options in most developed societies – but also in what can happen to the cremated remains of the dead.”

¹¹ Em síntese, falando em termos técnicos, no processo moderno, o corpo (colocado em um caixão) é levado ao forno e naquele ambiente o cadáver é convertido em cinzas, pois ali a temperatura pode oscilar entre 1.000°C e 1.400°C.

laicização da sociedade (Hervieu-Léger, 2008), simultaneamente, porém, se deparou com um universo cheio de incerteza. Nesse cenário, a modernidade viu que os sistemas religiosos, ao se ressignificarem, adquiriram, por exemplo, novos poderes sobre os indivíduos e sobre a sociedade. Além disso, segundo afirma Hervieu-Léger (2008, p. 15), ser moderno não significa, absolutamente, abandonar a religião e todas suas tradições e crenças.

Contudo, no aspecto prático, nas sociedades modernas (Silveira, 2013), as novas e evoluídas tecnologias abrem espaço para novas experiências, e isso modifica marcados traços socioculturais e religiosos, provocando a recomposição de convictas tradições sagradas, que outrora eram impermeáveis. Logo, por esse prisma, as tecnologias de cremação moderna, como um meio funerário, carregam cientificamente sólidos argumentos a favor das causas ambientais¹², usufruindo o posto de “opção funerária da moda” (Davies, 2005, p. 31).

Não obstante, ao longo das últimas décadas, no campo das tradições cristãs, relevantes objeções teológicas foram erguidas contra a prática da cremação e suas tecnologias emergentes. Teologicamente, questiona-se, por exemplo, o lugar e espaço a serem ocupados pelas novas tecnologias na vivência religiosa atual. De acordo com Davies (2005, p. 21), muitas igrejas cristãs têm alegado que “a cremação interferiria com a ressurreição do corpo, ou que a cremação se afastou do exemplo do ‘enterro’ de Jesus”. Por certo, uma das argumentações teológicas para tal convicção se pauta na afirmativa de que, segundo interpretação de pontuais textos bíblicos (Gn 15,15; Dt 34,6), o uso da cremação nunca teria sido autorizado por Deus, mas, ao contrário, somente o rito de sepultamento. Assim, nesse horizonte teológico, a seguinte indagação deve ser feita: “A tecnologia tem preferência sobre a Palavra de Deus?” (Wilsenach, 2016, p. 191).

Por fim, é salutar que, no ambiente dos ritos fúnebres tradicionais, os elementos carreguem vestígios de sacralidade. Em analogia, tais objetos e seus atributos transportam-se a certas experiências com o sagrado. Portanto, por meio dessa concepção, é possível que eles sejam sacralizados (Eliade, 1992). Dessa forma, no campo dos ritos fúnebres tradicionais, existem certos parâmetros que lhes dão formas, determinações e peculiaridades. Assim, constituir novos modelos se torna um processo muito delicado e bem desconfortável, e que necessitaria de uma confiável justificação, não só científica. Logo, ao intencionar assumir um papel predominante nos rituais funerários, a cremação moderna arrasta para si objeções e reações contraditórias, que são suscitadas e fundamentadas por

¹² Para Ferraz (2014), a cremação moderna não libera fumaça em seu processo; é a solução póstuma de menor impacto ambiental, não gera resíduos convencionais contaminantes e elimina os microrganismos patogênicos.

tradições vigentes no meio religioso judaico-cristão habitual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos em que o campo sociorreligioso passa por desengajamento e descompromisso, procurando, portanto, por “fontes alternativas” (Bauman, 2001, p. 52), constata-se que certas estruturas elementares que as compõem se mantêm organizadas e vigentes. Assim, ao analisá-las, conclui-se que o campo religioso, principalmente, e seus inúmeros fenômenos possuem, certamente, variadas forças que influenciam as diversas áreas e camadas da sociedade. Além disso, por seu código de crenças, ele legitima e produz experiências, bem como mostra sentidos e contribui para o aparecimento e solidificação de identidades.

Conforme demonstrado neste artigo, tanto na vida cotidiana dos antigos israelitas quanto na dos cristãos atuais, os ritos fúnebres estão vinculados às tradições religiosas judaico-cristãs. No antigo Israel, o único rito fúnebre praticado pelos israelitas era o de sepultamento; enquanto isso, a incineração de corpos jamais foi admitida. Assim, a partir de fontes teóricas analisadas, o estudo detectou que, igualmente, na história da tradição cristã, o rito fúnebre de sepultamento assumiu posto hegemônico – neste caso, entende-se que o sepultamento de Cristo é o modelo a ser imitado –, o que tem proporcionado sua continuidade entre os cristãos.

Finalizando, é importante destacar que, na contemporaneidade, marcada pela emergência de novos paradigmas que demandam ressignificações diversas, os ritos fúnebres judaico-cristãos, com suas raízes milenares, são inevitavelmente instados a incorporar determinadas alterações, algumas das quais se revelam indispensáveis. Sem abdicar de sua essência identitária e de sua relevância histórica, essas tradições já não podem permanecer alheias às inovações tecnológicas que permeiam os ritos mortuários contemporâneos. Além disso, tornam-se imprescindíveis os diálogos com questões técnico-científicas, especialmente no que tange aos aspectos ecológicos e ambientais. Ainda que tais intervenções possam desencadear repercussões socioculturais e religiosas significativas, sua consideração mostra-se cada vez mais imperativa.

REFERÊNCIAS

BAKER, David W.; ARNOUD, Bill T. **Faces do Antigo Testamento**: um exame das pesquisas recentes. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRIGHT, John. **História de Israel**. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1978.

BUCKLAND, A. R.; WILLIAMS, L. **Dicionário bíblico universal**. São Paulo: Editora Vida, 1999.

CHILDS, B.S. **Isaia**. Brescia: Queriniana, 2005.

CLEMENTS, R. E. (org). **O mundo do antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas**. Tradução de João R. Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

CLOUD, David W. **Cremation: What Does God Think?** Port Huron: Way of Life Literature, 1998. *E-book*.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Belo Horizonte: Betânia, 1991.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DAVIES, Douglas J.; MATES, Lewis H. **Encyclopedia of Cremation**. Londres: Routledge, 2005.

DE VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2003.

DOUGLAS, J. D. (org.). **O novo dicionário da Bíblia**. Tradução de João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006.

EICHRODT, Walther. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Cláudio J.A. São Paulo: Hagnos, 2004.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. Lisboa: Arcádia, 1979.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. Tradução de Josué Xavier. São Paulo: Paulinas, 1982.

GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GIORDANI, Mário C. **História da antiguidade oriental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

KEIL, C. F.; DELITZCH, F. **Commentary on Jeremiah**. Michigan: Eerdmans, 1980.

KESSLER, Rainer. **História social do antigo Israel**. Tradução de Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 2009.

MARCONI, Marina de A. **Antropologia**: uma introdução. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAZAR, Amihai. **Arqueologia na Terra da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2003.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni. **O futuro da religião**: solidariedade, caridade e ironia. Organização de Santiago Zabala. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. Tradução de Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SILVEIRA, Emerson J. S. O sagrado entre e além das religiões: um breve ensaio antropológico. In: CONGRESSO DA ANPTECRE, 4., 2013, Recife. **Anais [...]** São Paulo: Anptecre, 2013. p. 91-109.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**: história, método e mensagem. Tradução de Hans Udo Fuchs, Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001.

STRIEDER, Inácio. A redescoberta do sagrado na sociedade tecnológica. **Síntese: Revista de Filosofia**. v. 5, n. 14, p. 21-42, 1978.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. Tradução de Noemi Valéria Altoé da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALTON, John H. **O pensamento do antigo Oriente próximo e o Antigo Testamento**: introdução ao mundo conceitual da Bíblia hebraica. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2021.

WHITROW, G. J. **O tempo na história**: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

WILSENACH, Peter H. **Cremate or Bury, What Saith the Bible?** South Africa: Piet Wilsenach, 2016. Disponível em: <https://www.free-ebooks.net/religious/Cremate-or-Bury-What-Saith-the-Bible/pdf>. Acesso em: 05 dez. 2025.

WOLFF, Hans W. **Antropologia do Antigo Testamento**. Tradução de Antônio Steffen. São Paulo: Editora Hagnos, 2014.

Conflito de interesses: *O autor declara não haver conflito de interesses.*

Recebido em: 28-06-2025

Aprovado em: 12-02-2026

Editor-gerente: Moisés Sbardelotto